

(DES)CONSTRUINDO MAPAS, REVELANDO ESPACIALIZAÇÕES: NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS DE UMA ETNOGRAFIA EM UMA PERIFERIA URBANA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS

**(UN)MAKING MAPS, REVEALING SPATIALIZATIONS: CARTOGRAPHIC
NARRATIVES OF A ETHNOGRAPHY IN AN URBAN PERIPHERY OF THE CITY OF
PORTO ALEGRE/RS**

**(DÉ)FAIRE DES CARTES, RÉVÉLER DES SPATIALISATIONS: RÉCITS
CARTOGRAPHIQUES D'UNE ETHNOGRAPHIE DANS UNE PÉRIPHÉRIE URBAINE
DE LA VILLE DE PORTO ALEGRE/RS**

**(DES)HACIENDO MAPAS, REVELANDO ESPACIALIZACIONES: NARRATIVAS
CARTOGRÁFICAS DE UNA ETNOGRAFÍA EN UNA PERIFERIA URBANA DE LA
CIUDAD DE PORTO ALEGRE/RS**

Ana Patrícia Barbosa

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Brasil

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

RESUMO: Este artigo apresenta dados da investigação de doutoramento, onde me aproximo da viagem etnográfica realizada em Vila Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre/RS/Brasil, com ênfase nas dinâmicas territoriais e processos de identidade das populações periféricas. Pretendia analisar como se tecem redes de sociabilidade, em prol da melhoria das suas condições de vida, bem como como se (re)afirmam num contexto emergente de problemas sócio-espaciais que marcam as grandes metrópoles brasileiras e se circunscrevem sob as condições estruturais de pobreza, violência e segregação espacial. Neste estudo, através da aproximação ao método etnográfico, investiguei os sentidos e significados das transformações territoriais na vida dos habitantes desta região, fornecendo uma perspectiva interdisciplinar para o estudo do tema proposto. Para desenvolver esta perspectiva analítica, apresento uma cartografia espaçotemporal das territorialidades com vista a revelar experiências urbanas atravessadas por várias formas de vulnerabilidades.

Palavras-chave: territorialidade, sociabilidades, redes, vulnerabilidades.

ABSTRACT: This article presents data from my doctoral research, where I approach the ethnographic journey carried out in Vila Cruzeiro do Sul, in Porto Alegre/RS/Brazil, with emphasis on territorial dynamics and identity processes of peripheral populations. I aimed to analyze how sociability networks are woven, in favor of improvements in their living conditions, as well as how they (re) assert themselves in an emerging context of socio-spatial problems that mark the great Brazilian metropolises and circumscribe themselves under the structural conditions of poverty, violence and spatial segregation. In this study, through approximation with the ethnographic method, I investigated the senses and meanings of territorial transformations in the lives of residents of this region, providing an interdisciplinary perspective for the study of the proposed theme. To develop this analytical perspective, I present a spatiotemporal cartography of territorialities with a view to revealing urban experiences crossed by several forms of vulnerabilities.

Keywords: territoriality, social trajectories, network, vulnerabilities.

RÉSUMÉ: Cet article présente les données de ma recherche doctorale dans laquelle j'aborde les dynamiques territoriales et les processus identitaires qui a donné lieu à des collectifs urbains prolétariens qui habitent la région de la Grande Cruzeiro, dans la ville de Porto Alegre/RS/Brésil. L'étude adhère à la tradition des études ethnographiques dans des contextes métropolitains

s'intéresse à l'étude des formes de vie sociale qui caractérisent les interactions des habitants des grandes périphéries des villes brésiliennes dans leur quête quotidienne de meilleures conditions de vie, contre la violence, la pauvreté et l'exclusion sociale et culturelle. C'est une étude qui, par rapprochement avec la méthode ethnographique, cherche à comprendre les sens et les significations des transformations territoriales dans la vie le sens pour ces habitants des quartiers marginaux et marginalisés. Pour développer cette perspective analytique, je présente une cartographie spatio-temporelle des territorialités en vue de révéler des expériences urbaines traversées par diverses formes de vulnérabilités.

Mots-clés: territorialité, sociabilités, réseaux, vulnérabilités.

RESUMEN: Este artículo presenta datos de mi investigación doctoral, donde abordo el recorrido etnográfico realizado en Vila Cruzeiro do Sul, en Porto Alegre/RS/Brasil, con énfasis en las dinámicas territoriales y los procesos de identidad de las poblaciones periféricas. Tiene como objetivo analizar cómo se tejen las redes de sociabilidad, las formas de vida social de los habitantes de una periferia urbana, a favor de mejoras en sus condiciones de vida, así cómo se (re) afirman en un contexto de emergencia socioespaciales. Problemas que marcan las grandes metrópolis brasileñas y las circunscriben dadas las condiciones estructurales de pobreza, violencia e segregación espacial. Es un estudio que, a través de la aproximación con el método etnográfico, busca comprender los sentidos y significados de las transformaciones territoriales en la vida de los pobladores de esta región, brindando una perspectiva interdisciplinaria para el estudio de la temática propuesta. Para desarrollar esta perspectiva analítica, presento una cartografía espacio-temporal de territorialidades con miras a revelar experiencias urbanas atravesadas por muchas maneras de vulnerabilidades.

Palabras-clave: territorialidad, sociabilidades, redes, vulnerabilidades.

1. Introdução

Este ensaio cartográfico é resultado da etnografia de rua realizada durante a pesquisa de doutorado⁵³ na região da Grande Cruzeiro, em Porto Alegre, RS. Os encontros e reencontros com a Grande Cruzeiro iniciaram em 2014, nas caminhadas pelas ruas, pelos becos e vielas, na aproximação com os moradores, no olhar e escutar histórias de vida que atravessam temporalidades. Para a observação desses processos decorrentes da vida na metrópole, recorremos a uma etnografia de rua, nos moldes propostos pelas antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013), as quais enfatizam como a pesquisa de campo é concretizada na cidade, por meio de caminhadas atentas, e da constante presença do etnógrafo no espaço da rua, compartilhando de um tempo vivido com os habitantes, e consecutivamente, desvendando os saberes e fazeres dos moradores da cidade.

Foi com a intenção de adesão aos distintos territórios da pesquisa que procuramos tecer um percurso etnográfico na cidade de Porto Alegre e na região da Grande Cruzeiro, de forma a apreender as formas de ser e estar na cidade, especialmente dos grandes aglomerados urbanos. Essa experiência etnográfica, “na” e “da” cidade permite ao pesquisador ampliar seu olhar sobre as dinâmicas das interações cotidianas e representações sociais sobre o grupo estudado (Rocha & Eckert, 2013).

Assim, começamos o processo de imersão na Grande Cruzeiro, desafiada a olhar e ver de novo, a olhar e perceber a Região como parte integrante da cidade, como expressão dos laços sociais que a constitui. Permitimo-nos a exercitar deslocamentos, percorrendo ruas, becos, travessas, propondo-nos a uma experiência de etnografia de rua. Logo no início do trabalho de campo, nos propusemos a um passeio pela Grande Cruzeiro com o propósito de identificar algumas de suas vilas e, desse modo, traçar o percurso etnográfico na Região.

A etnografia de rua possibilitou-nos olhar e conhecer pessoas, histórias de vida, acontecimentos que se entrelaçam no tempo no fluxo contínuo dos acontecimentos. Caminhamos por labirintos da Grande Cruzeiro, por lugares que não figuram nos mapas oficiais da cidade de Porto Alegre. As caminhadas pelos territórios da Grande Cruzeiro constituíram-se num caminho inicial para remontar às memórias da paisagem urbana da Região e compreender as formas de interação social tecidas nas particularidades de habitar-se esse território da cidade de Porto Alegre. Propondo a experiência de uma etnografia de rua, pudemos compreender a diversificação constitutiva do espaço urbano, perceptível numa tarefa cotidiana como andar de ônibus do centro da cidade à região da Grande Cruzeiro. Para este fim, recorremos a uma cartografia espaço-temporal de territorialidades e experiências urbanas, de

⁵³ Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale – Tese Defendida em 2017: Sobre Juventudes e Territorialidades: Estudo Etnográfico sobre as Trajetórias Juvenis na Grande Cruzeiro, em Porto Alegre/RS.

forma a compreender como se configurou, ao longo do tempo, um meio urbano que ofereceu possibilidades de territorialização/desterritorialização/reterritorialização (Haesbaert, 2004, 2005), continuidades/descontinuidades. A seguir apresentamos uma cartografia da região da Grande Cruzeiro e da cidade de Porto Alegre, compreendendo sua feição complexa e diferenciada, envolvendo as múltiplas pertencas territoriais.

2. Cartografias da margem: mapas não convencionais da região da Grande Cruzeiro

Localizada na cidade de Porto Alegre, a Vila Cruzeiro do Sul, lócus de minha pesquisa de campo, é uma das mais populosas vilas situada na cidade de Porto Alegre/RS. Localiza-se no território denominado Grande Cruzeiro do Sul, sendo uma das quarenta vilas que compõem a região da Grande Cruzeiro e que estão distribuídas entre os bairros Santa Tereza, Medianeira, Glória, Teresópolis e Nonoai.

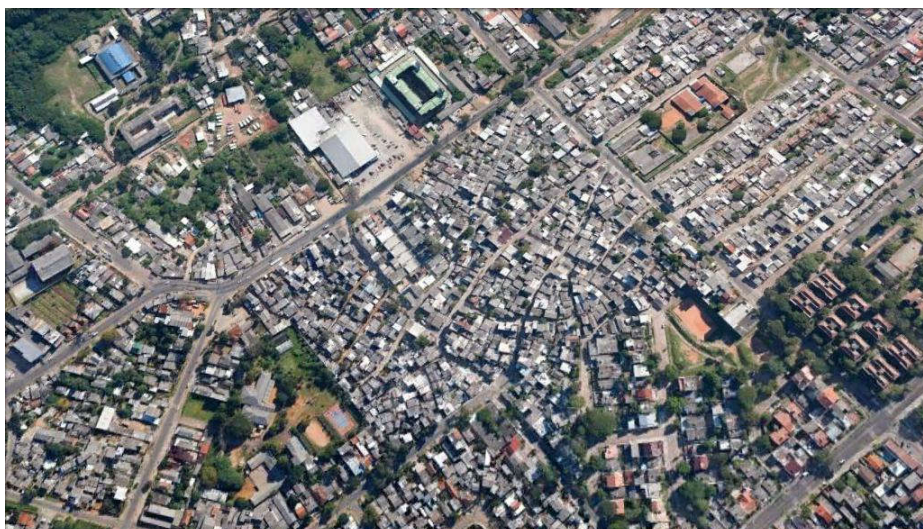


Figura 1: Vista parcial da Vila Cruzeiro do Sul – divisa com os bairros Cristal e Santa Teresa.
Fonte: Google Maps.

A população estimada da Grande Cruzeiro é de 200.000 mil habitantes, distribuídos numa área de 200 hectares. Em relação à Vila Cruzeiro do Sul, a população estimada é de 11.394 habitantes⁵⁴. Estimando-se que a população da cidade de Porto Alegre/RS gira em torno de 1.400.000 habitantes, observa-se uma grande concentração de moradores na região da Grande Cruzeiro, que perfaz cerca de 15% da população da cidade, sendo quase a metade dela constituída por crianças

⁵⁴ Fonte: www.observapoa.com.br

e jovens⁵⁵. Dados do Censo do IBGE de 2010⁵⁶ demonstram que no interior da cidade de Porto Alegre existem duas grandes concentrações de baixa renda e baixa empregabilidade, sendo a Vila Cruzeiro uma delas. Trata-se de uma região que, apesar de possuir luz elétrica, água encanada, sistema de esgoto e coleta de lixo, ainda é caracterizada por uma grande concentração de sub habitações e com múltiplas carências, que revela, em sua complexidade, a desigual distribuição e consumo de equipamentos urbanos, bem como aspectos das condições de existência dos que ali residem.

A localização geográfica também não contribui com o sistema de escoamento. A Vila Cruzeiro do Sul, assim como as demais vilas que compõem a Região da Grande Cruzeiro, ficam entre morros e, com as chuvas, o lixo é arrastado, contaminando o solo e provocando a obstrução da canalização de esgotos. O sistema de coleta de lixo também é precário, pois algumas ruas são estreitas, o que dificulta a entrada dos caminhões e o lixo acumula-se nas calçadas, conforme se pode observar nas imagens a seguir.

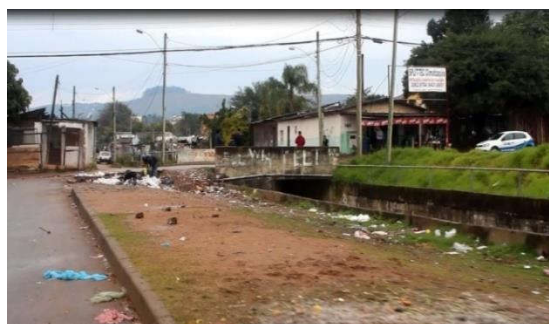


Figura 2: Acesso à Vila Cruzeiro do Sul pelo bairro Cristal.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 3: Vila Cruzeiro do Sul – Esquina da Rua Dona Otília e da Travessa B.
Fonte: Arquivo pessoal.

⁵⁵ Ávila e Araújo (2006) apontam que não existem limites geográficos, ou logradouros, que delimite claramente a Região Grande Cruzeiro. Sendo assim, optamos por seguir a pesquisa dos referidos autores e utilizar, neste artigo, a delimitação da Região, a partir do Orçamento Participativo (Ávila, 2006).

⁵⁶ Fonte: IBGE, 2010. Censo Demográfico de 2010. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Porto Alegre, fornecidos em meio eletrônico.

A aproximação inicial com a Vila Cruzeiro do Sul, a partir da pesquisa de campo, expressa o sentido secreto desta região, que ganha visibilidade nos meios de comunicação, denotando o que a cidade pensa em relação às pessoas que ali residem. Ao desvendar a realidade vivida pelos moradores de uma periferia urbana, em Porto Alegre, RS, a partir da formação, organização e sistemática de grupos sociais nas cidades, torna-se possível descrever as diferenças que se expressam na própria cidade, demarcando fronteiras internas, com forte dimensão segregativa (Foote-Whyte, 2005; Park, 1987). Como espaço diferenciado do espaço da cidade e como locus de exclusão, as periferias criam no imaginário social (Pesavento, 1995), através de suas arquiteturas, seus modos de vida que acabam por conformar identidades e formas de habitar e usufruir do espaço urbano. Assim, as reflexões aqui apresentadas, a partir dos dados coletados no campo, nos levam propor variáveis para a análise sobre as condições de vida dos moradores de periferias, sendo uma delas a dimensão estrutural da territorialidade, no que se refere a este estudo, a Vila Cruzeiro do Sul, na cidade de Porto Alegre. Esta dimensão pode ser compreendida como consequência da apropriação desigual do excedente urbano, que se concretiza no processo de segregação espacial e onde se refletem os conflitos estruturais, tais como o acesso desigual à urbanização, ao direito à cidade, as desigualdades sociais e econômicas, a negação do direito ao acesso de bens, além do direito à cidadania, por meio dos sistemas de garantia de direitos, a determinados indivíduos e grupos sociais, que geralmente vivenciam situações de vulnerabilidade e risco social. Importante ressaltar que, em particular, a negação aos direitos de cidadania a determinados segmentos sociais, em detrimento de outros, acha-se fortemente associada ao estigma territorial onde tais grupos ou camadas sociais habitam.

Outra variável de análise refere-se à dimensão simbólica, que reflete um conjunto de significações que expressam os conflitos estruturais, tais como os muros reais e simbólicos erguidos nas cidades que demarcam fronteiras entre os bairros e a cidade, entre as vilas e os bairros de camadas médias que cada vez mais são erguidos nas cidades em forma de enclaves residenciais supostamente seguros (Caldeira, 1984). Essa maneira de viver e sentir a cidade é discutida também por de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2008: 06). Para as autoras: “as mudanças de hábitos coletivos na cidade (dicas de segurança) são precauções apreendidas pelos cidadãos para a diminuição da vulnerabilidade e exposição ao fator de risco evitando atitudes “facilitadoras” de atos criminosos”. Cada vez mais se criam distâncias reais e simbólicas entre os moradores das cidades, as quais podem ser evidenciadas pelo aumento de áreas residenciais fortemente guardadas por guaritas, grades, cercas elétricas, muros, como se fossem ilhas intransponíveis para a circulação da população em geral. Há um muro simbólico que a cidade ergueu e que constantemente é refeito, por força das representações sociais.

Para o caso da cidade de Porto Alegre, as formas assumidas pelas habitações na cidade, em especial nas áreas residenciais das camadas médias urbanas, que vivem próximas da região da Grande Cruzeiro, não é exceção e revela, na sua complexidade, a distribuição desigual dos espaços socialmente construídos e das formas de sociabilidades, que indicam as maneiras como os indivíduos se deslocam, estabelecem aproximações e afastamentos (Simmel, 1987; Guerra, 2020). O que bem pode ser percebido na arquitetura urbana da cidade e bastante visível na região da Grande Cruzeiro, que fica a poucos metros de regiões mais valorizadas da cidade, com a presença de condomínios fechados e de forte esquema de segurança.



Figuras 4: Condomínio residencial Bairro Santa Teresa.

Fonte: Arquivo pessoal.

3. O Trabalho de Campo

Em meio a um território “em guerra” lançamo-nos, em 2014, na empreitada de realizar um estudo etnográfico na Vila Cruzeiro do Sul. Nos últimos meses esta região tem sido alvo de constantes disputas de gangues rivais de traficantes por pontos de venda de drogas. Frequentemente a mídia veicula manchetes tais como: “Vila Cruzeiro em pé de guerra na Zona Sul de Porto Alegre”⁵⁷, “Após confronto, BM vai intensificar efetivo na Vila Cruzeiro do Sul”⁵⁸, ou ainda, “Quatro pessoas são presas por tráfico de drogas, na Vila Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre”⁵⁹.

É neste cenário, de constantes conflitos e tensões, que procuramos retratar os desafios de uma pesquisa com um grupo social pertencente às classes populares, que moram em território valorado negativamente no contexto urbano da cidade de

⁵⁷Fonte: *Jornal Diário Gaúcho* de 18/12/2014. Disponível em <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2014/12/confronto-entre-gangues-da-vila-cruzeiro-deixa-mais-uma-vitima-na-zona-sul-de-porto-alegre-4665888.html>

⁵⁸Fonte: *Jornal Correio do Povo* de 07/03/2015. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/550772/Apos-confronto,-BM-vai-intensificar-efetivo-na-Vila-Cruzeiro-do-Sul>

⁵⁹Fonte: *globo.com*. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/rs/rio.grande.do.sul/bom.dia.rio.grande/videos/t/edicoes/v/quatro-pessoas-sao-presas-por-trafico-de-drogas-na-vila-cruzeiro-do-sul-em-porto-alegre/334222>

Porto Alegre. Desde o início da pesquisa, sabíamos que a entrada na Vila Cruzeiro do Sul não seria neutra, pois construir um processo investigativo como prática da pesquisa é uma tarefa que se torna mais complexa, em especial porque o objeto da pesquisa é a vida social, na qual todos estamos inseridos, mesmo que em realidades distintas (Becker, 2008).

Conforme já referido anteriormente, a Vila Cruzeiro do Sul é uma das 40 vilas que compõem a Região denominada Grande Cruzeiro e que neste momento tem sido palco de disputa territorial entre os traficantes da Região, por pontos de venda de drogas. Os traficantes não permitem que os moradores de uma determinada vila andem em outra, assim como a presença de estranhos, em qualquer parte da Grande Cruzeiro, é bastante controlada. Assim, nossa presença, na Vila Cruzeiro do Sul, causa estranhamento e desconfortos e não possuímos permissão para andarmos sozinhas pelas ruas, nem para conversarmos com moradores, ou ainda para usar filmadora ou máquina fotográfica. Ninguém nos chama para dizer o que podemos ou não fazer, por onde devemos ou não caminhar, mas simbolicamente os recados estão dados, através dos olhares atentos aos nossos passos, pela forma como vão, aos poucos, sentando em frente às casas, ou como ficam parados nas esquinas a nos observar, ou ainda, através de um motoqueiro que repetidas vezes passa por nós. Ele nada diz e tão pouco nos olha, mas o barulho da moto se aproximando é sinal de que estamos sendo constantemente acompanhadas.

A principal preocupação, ao iniciar o trabalho de campo na Vila Cruzeiro do Sul, foi a de criar alguns desconfortos em relação a nossa presença ali, tendo em vista o momento de disputa territorial pelo tráfico de drogas. O uso de recursos audiovisuais, tais como máquina fotográfica e filmadora confundem os moradores. Alguns pensam que somos jornalistas e que ali estamos para expor suas vidas, como costumeiramente são retratados nas páginas policiais, através de contornos estereotipados, tais como bandidos, marginais, miseráveis, dentre outros. Por vezes, precisamos esclarecer que o que fazemos ali não irá prejudicá-los ou expô-los de forma negativa, mas sim, que procuramos conhecer o lugar onde moram, onde muitos nasceram, cresceram e agora criam seus filhos, a partir de suas histórias e de suas experiências de vida naquela região.

A autorização oficial para nossa permanência e deslocamentos se dá através da Presidente da Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul (AMOVICS). É com ela que caminhamos pelas ruas e becos e, através dela, que vou estabelecendo os primeiros contatos com os moradores. Nosso trajeto foi demarcado pelo acervo de fotografias que a Associação possui. São imagens do final da década de 70 e início da década de 80, que retratam um território em transformação e onde os moradores se uniram, através de mutirões, em prol de melhorias nas suas condições de vida.

Percorremos as mesmas ruas retratadas nas fotografias e conversamos com os moradores, entregando-lhes as imagens, que foram nosso elo de aproximação inicial com eles. Um apanhado de histórias foram sendo contadas e, através desta interação, um retrato atual da Vila Cruzeiro foi sendo montado, com referências no passado. Alguns se mostraram encantados com as imagens, outros perplexos, ao ver o quanto a rua onde moram se transformou, ao descobrir a casa de um vizinho, um antigo bar, ou mesmo a suas próprias casas. Em nosso diário de campo fizemos os primeiros registros:

Era uma e meia da tarde, o sol batia forte sobre o asfalto. Um dia quente de primavera, que mais parecia o auge do verão de Porto Alegre. Um calor insuportável! Caminho com a Presidente da Associação de Moradores da Vila Cruzeiro do Sul – AMOVICS pelas ruas da Vila Cruzeiro, pois não tenho permissão para circular sozinha pela região, dados os conflitos recentes pela disputa territorial do tráfico de drogas. Vou escutando seu relato sobre as transformações das ruas, das casas, os mutirões que os moradores fizeram para melhorar as condições de vida na comunidade. Caminhávamos com fotos das décadas de 70 e 80 nas mãos e juntas íamos descobrindo as ruas e casas e observando suas mudanças. Mostrava as fotografias para alguns moradores que encontrei nas ruas. Quanta surpresa e admiração ao verem as imagens! Uns, lembraram tempos passados e me contaram como vivenciaram as transformações na região. Outros pareciam não acreditar que tantas mudanças tinham acontecido ali. Não há como negar a emoção que constatei em cada olhar, em cada palavra. Uns iam chamando outros e mostrando as imagens: “olha só”, “tu não vai acreditar”, “olha a casa da fulana”, “olha o bar aqui da esquina como era antes”, “olha o fulano na foto”... (Diário de Campo, Porto Alegre, 10/10/2014).

É neste recorte, de tempo e espaço, onde histórias sobre as transformações do território da Vila Cruzeiro do Sul são contadas, que o uso da linguagem visual, delimita em suas formas simbólicas (Rocha, 1995), o sentido de pertencimento coletivo. No que se refere às fotografias da Vila Cruzeiro do Sul, elas sensibilizaram e incentivaram que os moradores falassem sobre a relação que eles estabelecem com o espaço onde habitam, bem contribuíram na sua identificação como parte desta comunidade, conforme revelam as imagens a seguir:



Figura 6: Assembleia de moradores em 1984.

Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 7: Assembleia de moradores em 1984.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 8: Mutirão Pró-esgoto.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 9: Mutirão Pró-Esgoto.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 10: Casas da vila Cruzeiro do Sul em 1974.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 11: Casas da vila Cruzeiro do Sul em 1974.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 12: Casa da vila Cruzeiro do Sul em 2014.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 13: Casa da vila Cruzeiro do Sul em 2014.

Fonte: Arquivo pessoal.

As imagens são reveladoras de um território que é espaço de pertencimento, que é fruto das interações entre os sujeitos e que assume papel importante na constituição de grupos sociais. É neste espaço que se encontra o campo de possibilidades, de superação da fragmentação de ações e serviços e onde se evidenciam as carências e as necessidades sociais, mas também onde se forjam, dialeticamente, as resistências e lutas coletivas (De Certau, 1974), como pode ser constatado nas imagens e nas narrativas dos moradores da Vila Cruzeiro do Sul. As imagens também são reveladoras da forma como os moradores da Vila Cruzeiro do Sul constroem suas redes de sociabilidades nas quais (re)significam suas ações cotidianas, produzindo distintas formas sociais de ser e estar (Simmel, 1983).

Em meio às dinâmicas territoriais dos moradores da Vila Cruzeiro do Sul, as contribuições de De Certau (1974), permitem refletir sobre as estratégias e táticas cotidianas que os moradores de periferias empregam para retomar, ou não, suas relações sociais de origem, (re)configurando as suas identidades e pertencimentos, dadas as condições de vida nas grandes metrópoles, que criam formas e necessidades específicas de comportamento. Ou seja, trata-se de evidenciar as lutas significativas, na construção de uma identidade social, onde a periferia torna-se não somente território de espaço físico, mas também código de relações e convívio.

A realidade vivida na Vila Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, RS, revela uma região ainda com graves problemas, mas também um cenário de grandes avanços. Enquanto a região é retratada nas páginas de jornal e nos noticiários de televisão como uma região violenta e perigosa, a cidade esquece que ali vivem pessoas que se consideram felizes, que têm orgulho do lugar onde moram, e que lutam para sobreviver em meio ao descaso das autoridades e ao preconceito da população, o que é possível analisar também neste contexto de um território em “guerra”.

Uma das nossas primeiras anotações no diário de campo foi sobre a presença da Brigada Militar (BM) na Vila Cruzeiro. No segundo dia do trabalho de campo, uma

viatura da BM constantemente passava por nós e os policiais, com a cabeça para fora do carro, olhavam de cima a baixo. Não há como não se sentir intimidada. Essa forma de tratamento não é só dispensada a nós, que ali somos "estranhos", mas também as pessoas que residem e que tem seus cotidianos alterados. A BM tem marcado presença constante na região, através de suas viaturas paradas nas esquinas e de seus policiais fortemente armados, nos fazemos presentes.

Conforme nossa informante principal, a Presidente da Associação de Moradores, o temor dos habitantes da Vila Cruzeiro é muito maior por causa da polícia, do que pela disputa do tráfico. Sentem-se ameaçados e reprimidos em suas ações cotidianas. Saem para o trabalho pela manhã e quando voltam à noite, são abordados por policiais que querem saber para onde estão indo e o que fazem caminhando pelas ruas. Muitos são liberados para continuar seus trajetos de volta para casa, após um longo dia de trabalho, somente após serem revistados.

São essas ações que nos fazem perceber uma significativa peculiaridade da cidade em relação à Vila Cruzeiro do Sul, onde a pesquisa está sendo desenvolvida, que é associá-la à violência e marginalidade, como se a presença da polícia neste local fosse proteger a cidade da ameaça constante que esse território e a população que ali vive, representa.

Não se trata de negar que na Vila Cruzeiro, assim como nas demais vilas da Região da Grande Cruzeiro, não se tenha problemas de criminalidade, mas trata-se, sim, de refletir que esse não deveria ser o foco das atenções dos governos e da sociedade em geral. Há uma tendência em tornar visível apenas a esfera da criminalização da pobreza e da marginalidade territorial, como parte explicativa do desregramento social, moral e jurídico a que se encontram submetidos os moradores de periferias, afastando-se progressivamente, em alguns aspectos, de uma discussão sobre a precarização dos serviços e equipamentos públicos, na defesa e garantia de direitos à população que vive nas periferias urbanas das grandes metrópoles do Brasil.

A discussão sobre violência ganha amplitude, quando associada às condições das camadas mais pobres dos centros urbanos do país (Wacquant, 2001). Ainda que a pobreza não seja consequência direta da violência, ela não está dissociada ao tema das desigualdades sociais e econômicas, da negação do direito ao acesso de bens, além do direito à cidadania a determinados indivíduos e grupos sociais, que geralmente vivenciam situações de vulnerabilidade e risco social.

Se por um lado, a dimensão segregativa dos moradores da cidade em relação às pessoas que vivem na Vila Cruzeiro do Sul, revela a dimensão da exclusão social que se desenha na cidade, por outro lado, pode ser chave explicativa da união da comunidade por melhorias nas suas condições. A união dos moradores da Vila Cruzeiro do Sul e o seu sentido de pertencimento àquele local está diretamente

imbricado com os movimentos sociais, bem como com a criação da Associação de Moradores, que podem ser considerados agregadores da população da Vila Cruzeiro do Sul. A Região da Grande Cruzeiro conta com uma longa história associativista, onde as associações de moradores têm atuação essencial na organização da vida da comunidade. Em especial, na Vila Cruzeiro do Sul, lócus da pesquisa, os moradores se uniram, abriram, pavimentaram e arborizaram ruas, canalizaram esgotos e criaram o sistema de coleta de lixo. Abriam escolas, creches e igrejas, mas, acima de tudo, construíram seus sonhos, conforme nos revelam em suas narrativas: “o lugar é a gente que faz”! (trecho extraído da entrevista com Dona P.S.D, moradora da Vila Cruzeiro do Sul há 50 anos).

Já faz uns 50 anos que moro aqui e antes era muito ruim. Antes deles tomarem conta da Associação para poder melhorar a vila, depois que a Associação começou ir atrás para melhorar, melhorou muito, ficou muito bom e agora tá melhor ainda, cada vez vai melhorando mais. Antigamente não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Aí depois, mais tarde, começou vir a luz, a água, mas isso com muito trabalho pra esse pessoal conseguir. Foi a Associação que trabalhou muito pra arrumar. Antes cada um fazia as casinhas que podiam fazer, depois foi melhorando. Os moradores tinham casa de madeira, agora casa de madeira quase não se vê mais. (Entrevista com Dona P. S. D. - 10/11/2014).



Figura 14: Travessa B em 1978.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 15: Travessa B em 2014.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 16: Travessa P em 1982.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 17: Travessa P em 2014.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 18: Rua Padre Lima em 1982.
Fonte: Acervo AMOVICS.



Figura 19: Rua Padre Lima em 2014.
Fonte: Arquivo pessoal.

Na busca por conhecer o território da Vila Cruzeiro do Sul, é possível perceber que ali se encontram indivíduos que embora lidem com significativas restrições financeiras, com carência de alimentos, com moradias precárias, há também uma história de personagens, que apesar da precariedade onde vivem, lutam para sobreviver. E que esta região, que abriga muitas famílias, é fruto da (re)invenção, dos afetos, dos sonhos e da solidariedade das pessoas que ali residem. As trajetórias de lutas e de mobilização social dos moradores da Vila Cruzeiro do Sul remontam, através das narrativas, a forma de construção de suas identidades e representam, no trabalho de campo, elementos centrais para a rede que vem se constituindo ao longo da presente pesquisa.

4. Nota final

Nesse artigo, o interesse se volta àqueles que vivem em periferias urbanas das grandes metrópoles brasileiras, mais especificamente na Vila Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, RS. O que buscamos retratar aqui foi a forma como os moradores desta região construíram formas específicas de sociabilidades, baseadas em lutas coletivas, em união e solidariedade, na busca por melhorias nas suas condições de vida. Entendemos que manter uma vigilância epistemológica é um dos pontos centrais para conduzir a pesquisa, em especial pelo fato de estar tratando de uma construção interdisciplinar, orientada, por diferentes perspectivas e que nos faz refletir constantemente sobre o papel, enquanto pesquisadoras, nesta rede de relações que constituem o universo dos moradores da Vila Cruzeiro do Sul.

Neste sentido, a etnografia, enquanto metodologia de pesquisa permite essa interação, entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, por meio da participação efetiva na realidade investigada (Rocha & Eckert, 2008). Ao estabelecer uma aproximação com método etnográfico, construímos também um diálogo com técnicas e procedimentos da pesquisa antropológica, como o diário de campo, a observação participante e o uso de recursos audiovisuais, como aqui apresentados. Em especial, os recursos audiovisuais, são um componente relevante

para os estudos que envolvem questões urbanas, tais como as que pesquisamos na Vila Cruzeiro do Sul (Cfr. Barbosa, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ávila, Fátima; Araújo, Jeferson Rasquim (2006). *Vilas da Grande Cruzeiro*. Porto Alegre: Unidade Editorial/SMC.
- Barbosa, Ana P. (2017). *Sobre juventudes e territorialidades: estudo etnográfico das trajetórias juvenis na Grande Cruzeiro, em Porto Alegre, RS*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Universidade FEEVALE.
- Barbosa, Ana Patrícia; Sousa, Sofia; Guerra, Paula & Carvalho da Rocha, Ana Luiza (2020). (Des)encontros de uma etnografia multissituada em regiões urbanas de marginalidade avançada no Brasil e em Portugal. *Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, v. 21, n. 54, DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.106753>.
- Becker, Howard (2008). *Outsiders. Estudo da sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Caldeira, Teresa Pires do Rio (1984). *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense.
- De Certeau, Michel (1974). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Footo-Whyte, William (2005). *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Guerra, Paula (2020). Cidade, pedagogia e rap. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*. v. 22, n. 2, 431-453.
- Haesbaert, Rogério (2004). *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Haesbaert, Rogério (2005). Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo.
- IBGE, (2010). *Censo Demográfico de 2010*. Brasília: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Porto Alegre.
- Park, Robert Ezra (1987). A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In Otávio Guilherme Velho (Ed.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Pesavento, Sandra Jatahy (1995). Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 29,
- Rocha, Ana Luiza Carvalho da & Eckert, Cornelia (2008) . Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras Revista Eletrônica do BIEV/PPGAS/UFRGS*, v. 31, 1-23, DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>
- Rocha, Ana Luiza Carvalho da & Eckert, Cornelia (2013). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Simmel, Georg (1983). *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Simmel, Georg (1987). A metrópole e a vida mental. In Otávio Velho (Ed.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.

Ana Patrícia Barbosa. Pós-Doutora em Sociologia pela Universidade do Porto. Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale e Universidade Rene Descartes Sorbonne Paris V, Paris, França. Professora na Universidade Luterana do Brasil, Canoas e pesquisadora associada ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Universidade Luterana do Brasil, Av. Farroupilha, 8001 - São José, Canoas - RS, 92425-020, Brasil. E-mail: as.anapatricia@gmail.com. ORCID: 0000-0002-1154-6047.

Ana Luiza Carvalho da Rocha. Pós-doutora em Antropologia sonora e visual pela Universidade Denis Diderot, Paris VII. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbone. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora adjunta da Universidade FEEVALE. Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha - Porto Alegre - Rio Grande do Sul, CEP: 90040-060 - Fone:

(Des)Construindo mapas, revelando espacializações: Narrativas cartográficas de uma [96] etnografia em uma periferia urbana da cidade de Porto Alegre/RS ■ Ana Patrícia Barbosa e Ana Luiza Carvalho da Rocha

+55 51 33086000, Brasil. E-mail: miriabilis@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2294-5932>.

Receção: 04-11-2019

Aprovação: 12-04-2021

Citação:

Barbosa, Ana Patrícia & Rocha, Ana Luiza Carvalho da (2020). (Des)Construindo mapas, revelando espacializações: Narrativas cartográficas de uma etnografia (cartoetnográfica) em uma periferia urbana da cidade de Porto Alegre/RS. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(1), pp. 82-97. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n1/a5